

AINDA SOBRE ROGER MARTIN DU GARD

O Dia – 20 de janeiro de 1938.

Quando a Real Academia da Suécia, entre Valéry Estaunié e Rosny, concedeu o Prêmio Nobel de Literatura deste ano e Roger Martin du Gard, fui dos primeiros a dar brilho ao ato memorável.

Valéry por certo mereceria a consagração do “prêmio universal”. Não diríamos tanto de Eduardo Estaunié ou J. H. Rosny. Ambos não representam em coisa alguma o “instinto literário do nosso tempo. Valéry, ao contrário, é o poeta dos acordes revolucionários harmoniosos, o homem de pensamento limpo e certo, o indivíduo de atitudes políticas definidas, que sabe pensar ao seu modo e porque pensa ao seu modo.

Estaunié é o comodismo intelectual, o descaso pela vida universal da inteligência, o egoísmo cerebral. Rosny, tudo quanto nos legaram as velhas culturas individualistas, o marxismo e o liberalismo, é o utilitário do momento e a blague inexpressiva de todos os instantes. Um, o homem que pouco liga para a vida. Outro, que gargalha da vida, das nossas misérias e das nossas angústias, das nossas aspirações e dos nossos ideais. São seres sem crença humana, pouco afeitos a essa formidável tragédia íntima que consome, uma a uma, todas as gerações do pós-

guerra. Ao passo que Paul Valéry é o homem no tempo e no espaço, é o homem sem limites e sem distâncias, de sentimentos bravos e gestos elegantes, é o nosso homem da revolução.

Já é notável o ser um intelectual de renome em França. O resto pouco importa. Quando conquistou a França, o autor de “Les Thibault”, apesar do pouco volume de sua obra, já esperava silencioso a consagração universal que lhe trouxe o Prêmio Nobel.

Desde 1901 que Paris vem enviando à Suécia o que possui de melhor e de mais intensamente expressivo. Em 1901, foi Sully Prudhomme, um belo poeta de ritmos elegíacos, boêmio e sofredor, cheio de amarguras profundas e de esperanças vãs. Um poeta que não foi do mundo, mas soube ser da França.

Logo após, em 1904, foi Mistral, o poeta sublime das cadências suaves, o admirável criador de ritmos amorosos, o sensívelíssimo Mistral das imagens gregas e das fantasias helênicas.

Em 1915, foi o educador político, foi Romain Roland, o homem que estava acostumado às turbas de Paris, ao amor do próximo. Note-se que Roland, um batalhador incansável da paz universal, anti-guerreiro, com tendências para o socialismo radical, em pleno conflito sangrento de nações, onde implicada estava também sua pátria, alcançou da totalidade dos juizes da Academia da Suécia, o sufrágio incondicional que a sua inteligência e ação bem o mereciam. Premiarão um coração confiante nos destinos da cultura da humanidade civilizada.

Cessadas as hostilidades, cansada a humanidade toda de lutar por um ideal impossível de poderio e conquista, fraca, pusilânime, incapaz de sentir a vida na extensão dos seus sentidos, em 1931, premiou-se a irreverência no gênio debochado do imortal Anatole France.

Anatole France não representava nada do que mais prezamos e idolatramos. Inteligência agudíssima, bastante genial, capacidade empreendedora e compreendedora notabilíssimas, interpretou no tempo a desesperança e o descrédito, a malquerença e o ódio, fez da blague uma arma de poderosa destruição, da ironia páfida e intrigante o meio mais fácil de atingir uma possível celebridade.

Mais tarde, em 1927, Henri Bergson buscou na Suécia a consagração final de sua filosofia da vida. Homem afeito aos rigores das grandes tragédias cósmicas, Bergson é o maior orientador do mundo moderno.

Agora é o nosso Roger Martin du Gard. Pode-se dizer um completo desconhecido em nosso continente, desconhecido para o mundo. Só o conhecem os acostumados ao manejo das idéias e à vida agitada da inteligência. Bastou isso para que conseguisse em breve tempo alcançar a maior grandeza espiritual no cenário inconstante das letras universais.

Era preciso que Martin du Gard significasse algo de muito elevado no conceito da França moderna, para que pudesse de maneira tão eloqüente superar homens da têmpera espiritual de um Valéry, de um Claudel ou de um Gide.

Um amigo meu carioca, escrevendo-me certa vez, aconselhou-me com entusiasmo a leitura de “Les Thibault”, **um livro compressor, chocante, belo e sublime nos seus profundos arroubos revolucionários.**

Não é nada fácil de definir-se Martin du Gard. De sua vida, nada sabemos, e quase ninguém o sabe. Do seu irmão Maurício, sabemos que é unicamente diretor da “Nouvelles Littéraires”. Conhecemos e sentimos o que escreveu. No silêncio em que vive, no recolhimento de sua vida, o mundo que vem criando é o mundo com que sonhamos, o mundo dos nossos mais insubsistentes ideais de afirmação. Por isso ele satisfaz, satisfaz quando nos leva para longe das agruras de uma triste realidade, satisfaz quando nos faz sonhar com aquilo que moços não podemos conseguir e que passada a mocidade não sentimos força para atingir.

Martin du Gard é um nosso. Fala-nos com sua arte ao coração e ao cérebro. É o mais autêntico mensageiro da inteligência moderna da França. É o homem que soube entender da melhor maneira o mundo em que vivemos.